

# **A MULHER OFÉLIA – UM CONTRASTE ENTRE O NATURAL E O SOCIAL**

## **THE WOMAN OPHELIA – A CONTRAST BETWEEN THE NATURAL AND THE SOCIAL**

Meire Lisboa Santos Gonçalves\*

### **Resumo**

*Este artigo tem como objetivo analisar Ofélia, personagem da peça Hamlet, contrastando o natural e o social e traçando o papel da mulher na sociedade desde os primórdios até o século XVII, momento em que a peça de Shakespeare foi representada. Destaca-se também o papel da mulher na literatura, em especial a personagem da obra citada, fazendo-se uma análise de seu perfil em relação à sua submissão e ingenuidade em contraste com uma mulher forte e determinada, ou seja, a sua luta entre a força social e a natural. Tem-se como referencial teórico Hutcheon, Eble, Avelar, Chopin, Bobbio e Gardiner, que abordam a evolução da mulher na história, assim como Freud e Camati, que tratam da problemática e diferenças do gênero.*

**Palavras-chave:** *Mulher, Sociedade, Natural, Hamlet, Ofélia.*

### **Abstract**

*This article aims to analyze Ophelia, Hamlet's character, contrasting the natural and social, charting the role of women in society from the beginning until the seventeenth century, when Shakespeare's play, was represented. We also highlight the role of women in literature, in particular the character of the work cited, making an analysis of their profile with respect to its submission and naiveté in contrast to a strong and determined woman, or her struggle between the natural and social force. It has been as a theoretical Hutcheon, Eble, Avelar, Chopin, Bobbio, Gardiner, dealing with the evolution of women in history and Freud and Camati with the problems and differences of gender.*

**Key words:** *Woman, Society, Natural, Hamlet, Ophelia.*

## **I Introdução**

Este artigo objetiva mostrar a importância da mulher na literatura, trazendo como objeto de estudo a obra *Hamlet*, de William Shakespeare, e a personagem Ofélia. Esta obra retrata a mulher do século XVII, com suas privações e comportamentos morais da época. Percebe-se na leitura da obra que as únicas mulheres que aparecem, Gertrudes e Ofélia, apesar de não serem tão evidenciadas, são um dos elementos mais importantes dentro da peça, pois é a partir delas que a personagem principal, Hamlet, começa a perceber a importância delas e como elas agem na sociedade.

A peça será analisada com o intuito de mostrar a mulher como um ser importante da sociedade. Far-se-á uma análise das características da mulher e sua posição dentro da sociedade desde os primórdios do direito dos homens até o do século XVII, que traz a mulher com novas perspectivas de vida.

Depois, ater-se-á à personagem Ofélia, tratando de sua condição feminina e de sua projeção na sociedade apesar do misogismo presente na obra. Embora, num primeiro momento, a referida personagem pareça frágil e sem ações ao olhar do leitor, em uma leitura mais detalhada, percebe-se que, por detrás dessas características, há uma mulher que se expressa dentro do silêncio que lhe é imposto.

Para essa explanação, serão utilizados alguns autores que trabalham com a questão da mulher e seu posicionamento na sociedade, como Hutcheon (1991), Eble (2006), Avelar (2003), Chopin (2005), Bobbio (1992), Gardiner (1974), além de teóricos que trabalham com a problemática e com as diferenças do gênero, como Freud (s/d, 1928) e Camati (2008).

## **2 A Origem dos Direitos do Homem e sua Evolução**

Para falar do tema mulher e sua realização na obra *Hamlet*, é preciso mostrar como surgem os direitos de cada ser humano e como eles se estabelecem. A origem dos direitos individuais do homem pode ser apontada no antigo Egito e Mesopotâmia, no terceiro milênio a.C., em que já eram previstos alguns mecanismos para proteção individual em relação ao Estado.

O código de Hamurabi (1690 a.C.) talvez seja a primeira codificação a consagrar um rol de direitos comuns a todos os homens, tais como a vida, a propriedade, a honra, a dignidade e a família, prevendo, igualmente, a supremacia das leis em relação aos governantes. A influência filosófica religiosa nos direitos dos homens pode ser sentida com a propagação das ideias de Buda, basicamente sobre a igualdade de todos os homens (500 a.C.), posteriormente, já de forma mais coordenada, porém, com uma concepção ainda muito diversa da atual.

De acordo com Bobbio (1992), surgiram na Grécia vários estudos sobre a necessidade da igualdade e liberdade do homem, destacando-se as previsões de participações política dos cidadãos (democracia direta de Péricles): a crença na existência de um direito natural anterior e superior às leis escritas, defendida no pensamento dos sofistas e estoicos. Contudo, foi o Direito Romano que estabeleceu um complexo mecanismo de interditos, visando a tutelar os direitos individuais em relação aos arbítrios estatais. A Lei das Doze Tábuas pode ser considerada a origem dos textos escritos consagradores da liberdade, da propriedade e da proteção aos direitos do cidadão.

Nessa época, a sociedade organizava-se de forma primitiva, não havia hierarquia política, nem opressão social, pois os bens eram comuns a todos, não existindo apropriação privada; porém, a partir do momento em que ela foi criada e desenvolvida, surgiu também uma forma social de subordinação e opressão, uma vez que o titular da propriedade impunha seu domínio e subordinava tantos quantos se relacionavam com a coisa apropriada.

O homem, quando na busca pela liberdade, encontra uma grande contribuição tributada ao Cristianismo, pois, ao se deparar com essa concepção religiosa, que se baseava na ideia de que cada pessoa é criada à imagem e semelhança de Deus e considerava a igualdade fundamental e natural entre todos os homens, adota tal conceito, reforçado mais uma vez por uma relativa limitação do monarca durante a Idade Média.

Pensando nos direitos dos homens, em um sentido geral, pode-se, então, questionar: em que ponto ou em que época a mulher torna-se um ser alheio às situações da sociedade?

### **3 A Mulher e a Construção de seus Valores na Sociedade**

O primeiro passo da humanidade, rumo à dignificação da mulher, foi registrado com maior nitidez a partir do século IX, em grande parte, à medida que a sociedade medieval adotava a prática do casamento monogâmico, o que conferiu à mulher um novo estatuto no plano das relações sociais: ela passou a ser o módulo essencial para a constituição da família, garantindo-lhe unidade e solidez.

Jorge Borges Macedo (*apud* Avelar, 2003), em artigo publicado pela revista *Oceanos*, estuda as causas da participação política e do crescente prestígio social que a mulher conquistou no decorrer da Idade Média. Ele aponta o casamento monogâmico como um dos fatores decisivos para a progressiva intervenção feminina na Corte e nos domínios senhoriais a partir do século XII. Nas palavras do autor:

Para o mundo medieval, os casamentos reais e senhoriais são atos políticos providos de eficácia pública. Nesse aspecto, a mulher tornou-se, assim, a garantia de funcionamento do sistema político ou social, assim como a condição básica da sua estabilidade (*online*).

A condição da mulher nos séculos em que vigorou o Império Romano piorou mediante o *patris potestas*, pois cabia ao pai decidir sobre a vida dos filhos que gostaria de alimentar. Tal como ocorre atualmente na China, os meninos eram preferidos em detrimento das meninas, que só gozavam de maior apreço na condição de primeira filha.

De acordo com Régine Pernoud (*apud* Avelar, 2003), entre os celtas, germânicos e nórdicos vigorava uma maior igualdade entre homem e mulher no interior da família:

O regime familiar inclinava [os cônjuges] a reconhecer o caráter indissolúvel da união entre o homem e a mulher, e, no caso dos francos, por exemplo, constata-se que o “wehrgeld”, o preço do sangue, é o mesmo para a mulher e para o homem, o que implica um certo sentido de igualdade (*online*).

É válido acrescentar que a concepção cristã do casamento, implantada ao longo da Idade Média, em

virtude da conversão das tribos bárbaras, propiciou e fortaleceu a igualdade e a reciprocidade entre os esposos. Instaurava-se, por assim dizer, uma simetria no relacionamento entre homem e mulher: “A mulher não pode dispor de seu corpo: ele pertence ao seu marido. E da mesma forma, o marido não pode dispor de seu corpo: ele pertence à sua esposa” (Bíblia, I Cor.VII, 4).

Esta concepção radical e renovadora da relação homem/mulher, em confronto com a cultura antiga e pagã de cunho machista, implicou a introdução de uma nova mentalidade e de um novo olhar relativo à imagem e à identidade feminina. E ela só se instaurou pouco a pouco, com forte e inevitável dificuldade, nas regiões que sofreram o domínio romano. Nas palavras do jurista Robert Villers (*apud* Avelar, 2003):

Em Roma, a mulher, sem exagero ou paradoxo, não era sujeito de direito (...) Sua condição pessoal, as relações da mulher com seus pais ou com seu marido são da competência da *domus* da qual o pai, o sogro ou o marido são os chefes todo-poderosos (...) A mulher é unicamente um objeto (*online*).

Para o Direito Romano, a mulher era uma perpétua menor que passava da tutela do pai à do marido. Régine Pernoud (*apud* Avelar, 2003) atribui, ainda, à reimplantação do Direito Romano, em vários países da Europa, no século XVI, a responsabilidade pelo retrocesso da atuação feminina no âmbito familiar, social e político. A mulher, que vinha conquistando espaço, do século X ao XIII, no âmbito familiar, na sociedade e na arte, sofreu um eclipse no período subsequente, resgatando o prestígio que conquistara na sociedade medieval somente no século XX.

#### **4 A Mulher na Literatura**

A Idade Média – chamada a Era das Trevas – foi o período da história da humanidade em que teve início a valorização social feminina, o que deflagrou a evolução do feminismo rumo à mulher contemporânea. Se a igualdade de gênero depende da superação da disputa por poder que reside na base das relações entre os sexos, podemos entender esse mecanismo como uma estratégia masculina de disputa no campo social, que subentende a desvalorização daquele com quem se disputam posições; no caso, a mulher.

Na literatura, ao criarem repetidamente personagens femininas em situação inferior, os autores

(que são em sua maioria homens) normalmente funcionam também, de forma performativa, como agentes produtores de exclusão das mulheres ou como denunciadores dessa condição.

Segundo Gardiner (1974), Condorcet, um dos maiores filósofos do Século das Luzes, afirma que no momento em que metade da espécie humana é privada do direito de participar na elaboração das leis, ou seja, ao excluir as mulheres do direito das cidades, se está violando o direito natural de cada um à igualdade. Independentemente de a legitimação e fundamentação ser o direito natural, a metafísica, a sociologia, a filosofia ou o racionalismo, a igualdade de condições é pressuposta para o exercício da liberdade.

Por meio da ideia de que a mulher instruída estaria mais apta a educar os filhos, ou seja, que seria necessária sua participação na vida pública, surge a preocupação que, caso a mulher tivesse acesso ao direito das cidades, que ocupasse postos públicos ou simplesmente viesse a compor a vida política, isso poria em detrimento a coesão familiar; a mulher iria negligenciar o lar, seu lugar natural.

No entanto, em nenhum momento se fez menção à possibilidade de que a especificidade feminina, que a reprodução e que o meio doméstico pudessem imprimir conhecimentos ignorados pelos varões, ou seja, o papel de esposa não era relevante para os processos de desenvolvimento do conhecimento do espírito humano. A cidadania só seria alcançada se a mulher passasse a compor o direito da cidade, mas não se o ambiente doméstico passasse a compor os processos de instrução, de ser visto como um polo gerador de conhecimento, uma escola que permitisse às mulheres adquirirem o seu desenvolvimento, pela sua experiência de mãe, inexistente para os homens e, assim, também, proporcionar descobertas importantes e necessárias para o conhecimento, bem como para o progresso humano.

Então, é relevante que a literatura, sendo um instrumento de extrema importância para a propagação dos valores, passe a elucidar a mulher. Laeticia Jensen Eble, em seu artigo “Uma mulher, muitas barreiras” (2006), expõe sobre a identidade e a diferença das criações sociais e intelectuais disputadas nas relações de poder. A autora relata que, na literatura, a representação dos homens e das mulheres e das relações entre eles têm, há séculos, o caráter de reservar à mulher a condição de inferioridade. Ou seja, é uma personagem à mercê dos ditames impostos pela sociedade.

Segundo Hutcheon (1991), a personagem feminina, em sua maioria, é um ser à margem, pois não contribui de forma efetiva para evolução da obra.

O centro já não é totalmente válido. E, a partir da perspectiva descentralizada, o “marginal” e (...) o “ex-cêntrico” (...) assumem uma nova importância à luz do reconhecimento implícito de que na verdade nossa cultura não é o monolito homogêneo (...) que podemos ter presumido (p. 29: grifos no original).

Tomando como objeto de análise a personagem feminina Ofélia, na peça *Hamlet*, é preciso, então, primeiramente, fazer uma breve exposição desse ser fictício, que pode representar de forma eficaz uma alegoria da mulher daquela época, com sua subordinação e repressão.

## 5 Ofélia – o silêncio que grita

Muito se estudou sobre a peça *Hamlet*, em especial a análise da personagem principal que leva o mesmo nome da peça. Entretanto, no século XX, críticos feministas, como Catherine Belsey, Carol Thomas Neely, Juliet Dusinberry, Linda Bamber, Lisa Jardine e Jean E. Howard abriram novas abordagens acerca das personagens mulheres ali presentes, que por sinal são somente duas, Gertrudes e Ofélia. Verifica-se que novos historiadores e críticos do materialismo cultural examinam a peça segundo seus contextos históricos, tentando juntar a cultura original do meio ambiente da peça, focando para o [papel social de gênero](#) da Inglaterra na [Idade Moderna](#).

Como a maioria das análises parte da essência de *Hamlet*, o enredo central gira em torno do fato de que Hamlet não aceita o novo casamento da mãe e a vê como uma prostituta por causa de sua incapacidade de manter-se fiel ao Rei Hamlet, seu falecido marido.

... Morto há dois meses só! Não, nem dois meses!  
Tão excelente rei, em face deste,  
Seria com Hipério frente a um sátiro.  
Era tão dedicado à minha mãe  
Que não deixava nem a própria brisa  
Tocar forte o seu rosto. Céus e terras!  
Devo lembrar? Ela se reclinava  
Sobre ele, qual se a força do apetite  
Lhe viesse do alimento; e dentre um mês  
– Não, não quero lembrar – Frivolidade,  
o teu nome é mulher. Um mês apenas!

(...) Casou-se: Oh, pressa infame de lançar-se  
com tal presteza entre os lençóis do incesto!  
Não 'stá certo, nem pode ter bom termo:  
Estala, coração – mas guarda a língua! (Shakespeare, 2004, p. 44-45).

Em consequência disso, segundo os críticos feministas, Hamlet passa a perder sua fé diante de todas as mulheres, tratando Ofélia como se ela fosse desonesta, feito uma prostituta; portanto, uma mulher que não é honesta e justa.

Ofélia é uma personagem cercada por homens que detêm poder sobre sua vida. São eles: Polônio, seu pai, que pela ausência da mãe toma conta dela, aconselhando-a e instruindo-a, inclusive em sua vida amorosa; Laertes, seu irmão, que também interfere em suas ações, por ser o irmão mais velho; e, por fim, Hamlet, que a seduz com palavras e ações, porém, ao se desapontar com as mulheres, passa a ignorá-la.

LAERTES: Quanto a Hamlet, e às suas gentilezas,  
Deves tomá-las por brinquedo ou farsa;  
Uma flor da primeira juventude,  
Ardente, não fiel; doce e não firme,  
O perfume e a brandura de um minuto,  
Não mais (Shakespeare, 2004, p. 53).

Entretanto, todos os três desaparecem de sua vida, deixando-a sem um amparo: Polônio morre, Laertes viaja, Hamlet abandona-a, fazendo com que algumas teorias convencionais digam que, sem esses três homens importantes para tomar decisões em seu lugar, Ofélia encaminha-se gradativamente para a loucura. Porém, pensando modernamente, ela ficou louca e sentiu-se culpada porque, quando Hamlet a rejeita e seu pai pede que ela se afaste dele, a única maneira de ficarem juntos é com a morte de seu pai, já que seu irmão já não está por perto. Assim, Hamlet cumpriu o desejo sexual dela de, tirando Polônio do caminho, os dois poderem continuar o romance. Ofélia pode ser considerada, então, o símbolo da mulher histérica e distraída na cultura moderna.

Freud (s/d), em sua obra *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos*, define histeria como:

Uma neurose no mais estrito sentido da palavra – quer dizer, não só não foram achadas nessa doença alterações perceptíveis do sistema nervoso, como também não se espera que qualquer aperfeiçoamento das técnicas de anatomia venha a revelar alguma dessas alterações. A histeria baseia-se total e inteiramente em modificações fisiológicas do sistema nervoso; sua essência deve ser expressa numa fórmula que leve em consideração as condições de excitabilidade nas diferentes partes do sistema nervoso. Uma fórmula fisiopatológica desse tipo, no entanto, ainda não foi descoberta; por enquanto, devemos nos contentar em definir a neurose de um modo puramente nosográfico, pela totalidade dos



sintomas que ela apresenta, da mesma forma como a doença de Graves se caracteriza por um grupo de sintomas – exoftalmia, bócio, tremor, aceleração do pulso e alteração psíquica –, sem qualquer consideração relativa a alguma conexão mais íntima entre esses fenômenos (s/p).

Percebe-se que a definição de Ofélia como uma mulher histérica tem origens em modificações fisiológicas; geralmente, como afirma Freud (s/d), também está relacionada à redução da potência do homem: “quanto mais reduzida a potência do homem, mais predominante é a histeria da mulher; assim, um homem sexualmente neurastênico<sup>1</sup> torna sua mulher não tanto neurastênica, mas histérica” (s/p).

Isso pode ser verificado na obra: uma vez que Ofélia é rejeitada e Hamlet afirma que não deveria haver casamentos e que todas as mulheres deveriam ir para um convento, inclusive, ela, ele está negando a sua potência de homem, o que irá refletir no histerismo de Ofélia.

Tenho ouvido também falar muito de como vos pintais; Deus vos deu uma face e vós vos fabricais outra; dançais, meneais, cíciais, arremedando as criaturas de Deus, e mostrais vosso impudor como se fosse inocência. Vamos, basta: foi isso o que me fez louco. Digo-te: não haverá mais casamentos. Daqueles que já estão casados, todos, menos um, viverão; os restantes ficarão como estão. Para um convento, vai (Shakespeare, 2004, p. 120-121).

A partir da rejeição, Ofélia começa a mudar e chega ao ápice quando sabe da morte de seu pai. De acordo com Freud (1928), em *O futuro de uma ilusão*, a vida é difícil de suportar; por isso, a humanidade e, conseqüentemente, o indivíduo reprime a maioria dos desejos e institucionaliza a civilização, pois o ser civilizado está submetido a uma certa quantidade de privação e só assim alimenta a ilusão de que a natureza foi vencida.

Ela (a natureza) possui seu próprio método, particularmente eficiente, de nos coibir. Ela nos destrói, fria, cruel e incansavelmente, segundo nos parece, e, possivelmente, através das próprias coisas que ocasionaram nossa satisfação. Foi precisamente por causa dos perigos com que a natureza nos ameaça que nos reunimos e criamos a civilização, a qual também, entre outras coisas, se destina a tornar possível nossa vida comunal, pois a principal missão da civilização, sua *raison d'être* real, é nos defender contra a natureza (Freud, 1928, s/p).

Verifica-se que Ofélia, ao perder o senso de civilização e suas referências, sua natureza fala mais alto e ela não se controla, chegando à loucura, pois não consegue associar que o seu desejo interior tenha sido projetado, ou seja, ela não consegue mais reprimir o seu desejo e se entrega à natureza. Para Freud (1928), esse controle da natureza dá-se por meio da inteligência, elemento que Ofélia perde:

Não dispomos, porém, de outros meios de controlar nossa natureza instintual, exceto nossa inteligência. Como podemos esperar que pessoas que estão sob domínio de proibições de pensamento atinjam o ideal psicológico, o primado da inteligência? Você sabe também que se diz que em geral as mulheres padecem de “debilidade mental fisiológica”, isto é, de uma inteligência inferior à dos homens. O fato em si é discutível, e sua interpretação, duvidosa; contudo, um argumento em favor de essa atrofia intelectual ser de natureza secundária é o de que as mulheres vivem pensando sob o rigor de uma proibição precoce que as impede de voltarem seus pensamentos para o que mais lhes interessaria, isto é, os problemas da vida sexual (Freud, 1928, s/p).

Isso pode ser comprovado, quando se aceita que havia uma certa intimidade entre Hamlet e Ofélia, devido ao aparecimento anterior da carta de Hamlet e levando em conta o teor dos diálogos de Ofélia com seu irmão e seu pai; possivelmente, a cena em que Ofélia estaria mais natural seria a de sua interação com Hamlet, ou seja, seu pai e seu irmão representam a negação de sua natureza, impedindo a realização sexual.

Porém, as duas cenas em que há diálogo entre as personagens (o confronto e a plateia da peça dentro da peça) possuem público. Primeiramente, seu encontro é observado pelo rei e por Polônio, que se escondem atrás das tapeçarias. Ofélia não se mostra natural, sabendo que o encontro é, afinal de contas, uma armadilha. Não se consegue ver Ofélia como ela realmente é, pois ela permanece sob o olhar controlador do pai.

E não é só ao pai que ela demonstra essa obediência; já em sua primeira aparição, Ofélia promete seguir os conselhos do irmão e tomar cuidado com a afeição de Hamlet. Logo em seguida, ela aceita as ordens do pai, que a obriga a evitar a companhia do príncipe e rejeitar suas cartas. Ofélia é uma filha/irmã submissa e, até mesmo, uma amante submissa.

POLÔNIO: Em relação a Hamlet, crê apenas  
Que ele é jovem e a ele é permitido  
Andar de freio largo; não a ti.  
Ofélia, não te iludas com essas juras,  
Pois não são o que mostram na roupagem,  
Mas simples rogos para fins profanos,  
Soando com preces e murmúrios  
Pra melhor atrair. Numa palavra,  
Não quero que repitas, de ora avante,  
Essas conversas com o nobre Hamlet.  
Ouve bem; eu te ordeno: segue agora  
O teu caminho.  
OFÉLIA: Eu obedecerei  
(Shakespeare, 2004, p. 58).

Entretanto, essa submissão está de acordo com os princípios sociais da época elisabetana.

Shakespeare sugere que os papéis sociais desempenhados pelo homem e pela mulher não são comportamentos determinados apenas biologicamente, mas, também, influenciados por padrões culturais passíveis de mudança. No tocante à construção de Ofélia, desde o início da peça fica evidente o conflito entre a máscara exterior, socialmente construída, e o “eu” interior reprimido da personagem. Para Camati (2008),

A intimidação sexual de Ofélia já se evidencia na terceira cena do primeiro ato: vemos como ela é sugestionada para submeter-se às regras do patriarcado, manipulada por ambos, seu pai e seu irmão, que lhe ordenam a não confiar em seus sentimentos e desejos. A fragmentação de sua mente é o resultado de atitudes e mensagens contraditórias que ela não consegue conciliar: ela é usada e confundida por todos os homens de seu convívio, seu pai, seu irmão, o rei Cláudio e o próprio Hamlet. Laertes tenciona colocá-la num pedestal como um objeto estético, encarnando seu ideal de castidade feminina; Polônio objetiva transformá-la num completo autômato, sempre pronta para obedecer às suas ordens, uma mercadoria a ser negociada em proveito próprio; Cláudio a vê como um instrumento para sondar os propósitos de seu sobrinho; e Hamlet não hesita em insultá-la na cena do convento, descarregando nela toda a sua fúria e ansiedade motivada pela sua percepção neurótica da conduta de sua mãe. Ela não tem autonomia de escolha, pensamento e ação, e todos se mostram completamente alheios às suas necessidades e desejos (p. 3: *online*).

Verifica-se na afirmação que Ofélia é completamente circunscrita pelo poder patriarcal, reprimindo não apenas a sua sexualidade, mas também anulando a sua identidade, para construir e tomar como referência exclusivamente a vontade dos outros. Portanto, ela não teve oportunidade de florescer devido às excessivas pressões às quais é submetida e que culminam na perda de seu senso de realidade.

Camati (2008) aponta que Shakespeare foi influenciado por leituras e pela cosmovisão da época, observando que a cultura influencia o comportamento social e que tanto o homem como a mulher também são produtos do meio em que foram socializados. As personagens, tanto as masculinas como as femininas, sustentam-se a partir de uma postura relativista, que define o sujeito como sendo fruto não somente de fatores biológicos e psicológicos, mas também de determinações culturais e históricas.

Mesmo a Inglaterra demonstrando certa mobilidade social e flexibilidade de comportamento individual durante o humanismo renascentista, ainda continuava a vigorar, em grande parte, uma estrutura patriarcal estratificada. De acordo com Camati (2008):

As restrições de gênero, raciais, étnicas e classistas continuavam sendo determinantes, no sentido de estabelecer como as pessoas deveriam ser tratadas e o que lhes era facultado fazer, ou seja, esses fatores ainda delimitavam a esfera de ação da maioria dos indivíduos e lhes impingiam sanções legais, sociais e econômicas. Na Inglaterra de Shakespeare, o homem podia exercer uma grande variedade de papéis de acordo com suas possibilidades e capacidades; o desempenho social da mulher, no entanto, era bastante limitado. Sua identidade derivava exclusivamente do sexo ao qual pertencia: podia ser mãe, esposa ou viúva; dama ou criada; virgem, prostituta ou bruxa (p. 4-5: *online*).

À Ofélia cabe o papel da virgem para seu pai e irmão. Porém, dentro do enredo da peça, mesmo antes de suas grandiosas cenas de loucura, ela já se mostra desligada das regras patriarcais se, sob um olhar mais atento, nota-se que Ofélia não parece tão submissa assim. Primeiramente, antes do início da peça, ela já estava conduzindo alguma espécie de relacionamento com o príncipe sem que seu pai soubesse. E esse relacionamento pode ser confirmado pelas cartas e presentes que ela tenta devolver a Hamlet, em seu encontro forjado, e não são apenas cartas, pois, em seu dramático solilóquio, Ofélia fala da doçura dos votos nupciais, dando a ideia de que vários encontros apaixonados tiveram lugar pelos corredores de Elsinore. Inclusive, por ela relatar ao pai que Hamlet apareceu a ela em trajes íntimos. Não se percebe nenhuma hesitação por parte de Ofélia em descrever esse episódio, por certo, porque lhe era comum.

Quando o príncipe Hamlet, mal trajado,  
Sem chapéu, tendo as meias enroladas  
Pelas pernas, sem ligas, branco e pálido  
Como o linho, os joelhos tremulantes,  
Com o olhar de tão fúnebre expressão  
Como se nos viesse dos infernos  
Falar de horrores – vem diante de mim  
(Shakespeare, 2004, p. 81).

Observa-se nesse episódio que, por meio do questionamento do que é natural e do que é construção social, Shakespeare mostra presciência em relação à insatisfação das mulheres diante dos estereótipos que lhes eram impostos. De acordo com Freud, em *O mal-estar na civilização*:

A tendência por parte da civilização em restringir a vida sexual não é menos clara do que sua outra tendência em ampliar a unidade cultural. Sua primeira fase, totêmica, já traz com ela a proibição de uma escolha incestuosa de objeto, o que constitui, talvez, a mutilação mais drástica que a vida erótica do homem em qualquer época já experimentou. Os tabus, as leis e os costumes impõem novas restrições, que influenciam tanto homens quanto mulheres. Nem todas as civilizações vão igualmente longe nisso, e a estrutura econômica da sociedade também influencia a quantidade de liberdade sexual remanescente. Aqui, como já sabemos, a civilização está obedecendo às leis da necessidade econômica, visto que uma grande quantidade da energia psíquica que ela utiliza para seus próprios fins tem de ser retirada da sexualidade (Freud, 1928, s/p).

Mesmo enquanto Ofélia tenta manter a formalidade em seu encontro espionado por seu próprio pai e pelo rei, há uma tendência em quebrar as regras institucionalizadas, ou seja, ela tenta romper com a civilização e deixar que o natural prevaleça. Isto é comprovado em seus deslizos, quando, ao se afastar da figura do príncipe, afirma: “You know right well you did” (Você sabe muito bem o que você fez); e quando da negação da doação dos presentes por Hamlet, demonstra seu carinho e desespero: “Help him, you sweet heavens” (Ajude-o, doces céus) diante do discurso “enlouquecido” de Hamlet.

Trata-se, então, de uma personagem dividida entre a lealdade devida ao pai e do desejo de se entregar ao amor de um príncipe. Sua confusão é palpável nas tentativas pouco entusiásticas de devolução dos presentes, uma vez que possivelmente tenha sido forçada pelo pai a fazê-lo e em sua resposta mentirosa ao príncipe, quando indagada da localização do pai, “At home, my lord” (Em casa, meu senhor).

De acordo com Camati (2008), essa dubiedade em Ofélia refere-se às mudanças na situação doméstica e no casamento como instituição no período elisabetano-jacobino, mudanças essas aceleradas e consolidadas pela ascensão do protestantismo. Houve uma revolução sexual à medida que o velho casamento arranjado do patriarcado, como um contrato comercial, começava a declinar e, pelo menos teoricamente, o casamento era entendido como uma união de livre escolha baseada na parceria entre um homem e uma mulher. Quanto a essa posição, Freud (1928) afirma que

a civilização atual deixa claro que só permite os relacionamentos sexuais na base de um vínculo único e indissolúvel entre um só homem e uma só mulher, e que não é de seu agrado a sexualidade como fonte de prazer por si própria, só se achando preparada para tolerá-la porque, até o presente, para ela não existe substituto como meio de propagação da raça humana (p. 65).

Pode-se também inferir que Ofélia não se trata de uma personagem unidimensional, sem profundidade. Ela revela-se em sua loucura, e sua verdade também aparece permeada por seu discurso pela peça toda. De acordo com o significado de seu nome, pode-se verificar essa figura como uma personagem marcante, nada ingênua ou submissa. Ofélia vem do grego e significa ofídio, serpente, cobra. Revela diferença e autonomia. É próprio de mulheres que vivem a vida de uma maneira independente e autônoma, sem ligar a modos, convenções ou caprichos sociais. Sabem o que querem a cada momento. E isso era o que Ofélia queria apesar de ter que manter as

aparências e as circunstâncias impostas pela cultura e pela sociedade.

## **6 Considerações Finais**

Verificou-se que a posição da mulher durante vários séculos foi de subjugação ao homem apesar de nos primórdios a mulher ser o centro da família com o matriarcalismo. Entretanto, foi perdendo sua posição de centro e permanecendo à margem da sociedade, principalmente no tocante aos direitos em relação aos homens. O homem pode tudo, a mulher não. Ela sofre limitações culturais, sociais e religiosas.

Apesar dessa marginalidade, ou seja, de estar à margem, as mulheres não deixaram, de uma forma ou de outra, de mostrar seus desejos, mesmo que, muitas vezes, reprimidos. Por isso, Ofélia representa essa mulher que, por trás de uma certa ingenuidade, demonstra saber muito da vida e, principalmente, de como satisfazer os seus desejos.

Assim, a linguagem obscena de Ofélia durante a cena da loucura, assim como o ataque verbal de Hamlet no encontro forjado, demonstra que ela não era uma jovem ingênua, mas que sabia o que queria. Mas, pela reação violenta do príncipe, repleta de frases amargas e entrecortadas direcionadas a ela, começa-se, então, o primeiro passo na loucura real de Ofélia, ou seja, ela teve testados seu amor e confiança, sendo, por fim, abandonada.

Considerar Ofélia, essa personagem enigmática, a princípio, como ingênua, é um ato primário, pois, na verdade, ela é a expressão do amor e da lealdade, possuidora de submissão e de um desejo contrastantes que a levaram à loucura. Ela é testada, a todo momento, por seu pai, por seu irmão, por Hamlet e pela sociedade, e torna-se a garota reprovada, conforme a visão da sociedade para a qual ela foi designada.

Portanto, Ofélia assume o que é. Ela enlouquece por amor, enquanto Hamlet apenas finge. Ela tem a coragem de tirar sua própria vida, definindo sua personalidade forte, determinada e sem hesitações, enquanto Hamlet apenas cogita sobre isso. Ofélia fez o papel da donzela indefesa para que Hamlet pudesse brilhar na peça. Entretanto, é no seu silêncio que se percebe o valor da mulher.

## **Nota**

<sup>1</sup> *Neurastenia* é uma consequência frequente da vida sexual anormal. A *neurastenia masculina* é adquirida na puberdade e se manifesta quando o paciente atinge a casa dos 20 anos. Sua origem é a masturbação, cuja frequência tem completa correlação com a frequência da neurastenia masculina. Todos os casos de neurastenia caracterizam-se, indubitavelmente, por uma certa diminuição da autoconfiança, uma expectativa pessimista e uma inclinação para ideias antitéticas afitivas (Freud, s.d.).

## Referências

AVELAR, Bianca. Surgimento e evolução do direito à intimidade no contexto histórico. 2003. Disponível em: <<http://www.portaldafamilia.org/artigos/>>. Acesso em: 28 out. 2007.

BÍBLIA Sagrada. 163. ed. São Paulo: Ave-Maria, 2005.

BOBBIO, N.A *era dos direitos*. São Paulo: Campus, 1992.

CAMATI, Anna Stegh. Questões de gênero e identidade na época e obra de Shakespeare. *Centro de Estudos Shakespearianos – CESH*, Curitiba: UNIANDRADE, v. 16, n. 16, jul. 2008. Disponível em: <[http://www.utp.br/eletras/ea/eletras16/texto/artigo\\_16\\_2.pdf](http://www.utp.br/eletras/ea/eletras16/texto/artigo_16_2.pdf)>. Acesso em: 30 set. 2009.

CHOPIN, Kate. *Culpados*. Tradução Carmem Foltran Vinhedo, SP: Horizonte, 2005.

EBLE, Laeticia Jensen. Uma mulher, muitas barreiras. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 312-314, jan./abr. 2006.

FREUD, Sigmund. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos*. (1886-1899). London: Standard Edition, s/d. v. I.

\_\_\_\_\_. *The future of an illusion*. Tradução W. D. Robson-Scott. Londres: Hogarth Press e Instituto de Psicanálise, 1928.

GARDINER, Patrick. *Teorias da história*. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1974.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

OFÉLIA. *Significado de nomes*. Disponível em: <<http://www.dicionariodenomesproprios.com.br/>>. Acesso em: 29 set. 2009.

OPHELIA. *Significado e origem dos nomes*. Disponível em: <<http://www.significado.origem.nom.br/nomes/?q=OPHELIA>>. Acesso em: 29 set. 2009.

SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. Tradução Millôr Fernandes. São Paulo: Peixoto Neto, 2004.

**Dados da autora:**

\*Meire Lisboa Santos Gonçalves

Mestranda em Literatura e Crítica Literária – Universidade Católica de Goiás/UCG – e Professora  
– Faculdade Alfredo Nasser

Endereço para contato:

Faculdade Alfredo Nasser

Avenida Bela Vista, nº 26

74905-020 Aparecida de Goiânia/GO – Brasil

Endereço eletrônico: [meirelisboa@yahoo.com.br](mailto:meirelisboa@yahoo.com.br)

Data de recebimento: 21 set. 2010

Data de aprovação: 29 mar. 2011